

O TEMPO EM SATOLEP: UM OLHAR A PARTIR DE UMA ANTROPOLOGIA DA LINGUAGEM

AROLDO GARCIA DOS ANJOS¹;
DAIANE NEUMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – aroldodosanjos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – daiane_neumann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no campo das investigações acerca de uma antropologia histórica da linguagem, especialmente no que toca à busca de uma interface entre a linguística e a literatura. Em suma, a pesquisa toma a literatura como parte integrante dos estudos da linguagem, a partir de alguns questionamentos gerais, a saber: a partir da concepção de linguagem de Benveniste, como se dá a construção do tempo na e pela linguagem? Em que medida essa concepção contribui para a discussão sobre o tempo na literatura? Como se pode olhar para o tempo na obra *Satolep*? Em que medida essa análise pode contribuir para a compreensão da construção do tempo na linguagem?

No intuito de avançar nessa interrogação em relação às pesquisas em Letras, proponho analisar a obra *Satolep*, de Vitor Ramil, com base nas reflexões de Émile Benveniste acerca da linguagem. Para tanto, partirei de discussões que percebem na obra de Benveniste uma antropologia da linguagem, como as feitas por Henri Meschonnic e Gérard Dessons. Encontro interlocução, ainda, em escritos de Giorgio Agamben e Walter Benjamin, que colocam a linguagem no centro de suas discussões e repensam a noção de tempo.

Satolep apresenta-se como um objeto de estudo desafiador, dado seu manejo particular com a narração, o foco narrativo e a construção de espaço e tempo. Acredito que, devido ao seu caráter labiríntico, o romance pode lançar interrogações aos estudos da linguagem. Sobretudo, busco investigar a noção de tempo na obra de Vitor Ramil. Primeiramente, com o intuito de observar em que medida as reflexões de Benveniste fornecem elementos que auxiliam a análise do texto literário. Posteriormente, com a finalidade de revisitar o tempo como categoria de análise do texto literário e de perscrutar como se concebe a categoria do tempo em *Satolep*, segundo a concepção de linguagem que lhe subjaz.

São objetivos da presente investigação: propor a reaproximação dos estudos da linguagem e dos estudos literários; investigar como a noção de tempo é tratada nas obras de Giorgio Agamben, Walter Benjamin e Émile Benveniste; analisar a obra *Satolep* desde uma abordagem discursiva, tomando a linguagem em sua dimensão antropológica; analisar como o tempo é construído em *Satolep*; investigar em que medida a análise linguística pode dizer algo da dimensão ética do texto literário; investigar o que a obra literária, em contrapartida, pode sugerir aos estudos da linguagem.

2. METODOLOGIA

O método de abordagem da pesquisa é de ordem analítica, a partir da revisão da fortuna crítica da obra de Benveniste e sobre *Satolep*, bem como de obras

concernentes ao tema em questão: o tempo. O trabalho percorrerá, a princípio, o seguinte caminho: 1) leitura de textos teóricos da obra de Benjamin e Agamben que colocam em pauta a questão do tempo; 2) leitura de Benveniste e de comentadores de sua obra, com vistas às discussões que possibilitam fundamentar uma antropologia da linguagem em suas reflexões, a fim de discutir especificamente a noção de tempo; 3) leitura e análise da obra *Satolep*, de Vitor Ramil, a partir de pressupostos derivados das reflexões de Benveniste.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento, serão observadas as discussões de Giorgio Agamben a respeito da linguagem e do conhecimento. Em suas considerações, Agamben concede a Walter Benjamin e a Émile Benveniste um espaço de destaque, por colocarem a linguagem no centro de suas preocupações. Essa reflexão traz consequências fundamentais para a maneira como se olha para o tempo.

No processo de compreensão da destruição da experiência e da origem da história, Giorgio Agamben promove uma articulação entre as ideias de Walter Benjamin e de Émile Benveniste – dentre as quais, as noções de linguagem e de tempo podem ser sublinhadas.

Benjamin, ao opor-se ao *lógos*, intuiu que a essência do homem é linguística. Benveniste acreditou que a linguagem está na natureza do homem, que não a inventou. Ambos autores pensam o tempo de modo qualitativo, não simplesmente cronológico. Benjamin considera o tempo presente como repleto de história, o *Jetztzeit*, uma agoridade, um presente no qual reverbera a história. Benveniste considera o tempo linguístico como constituidor dos demais tempos. É o tempo da enunciação, da atualização da experiência. Em ambos, o que articula os tempos é o homem, nascido na linguagem. Aí está o humano – esse hiato entre semiótico e semântico.

Para Agamben, a infância do homem, origem da experiência e da história, situa-se articulada sobre a dupla herança de natureza (endossomática) e cultura (exossomática). Ela coloca os dois sistemas em ressonância e permite que se comuniquem. Aí está a passagem do semiótico ao semântico, que Benveniste buscava ao estudar a obra de Saussure.

Em um segundo momento, será apresentada uma leitura da obra de Benveniste a partir das discussões acerca do tempo, buscando, nesse percurso de reconstrução, as noções que lhe subjazem. Sendo assim, o trabalho, que aqui se esboça, filia-se àqueles que consideram a obra de Benveniste não restrita à análise intralinguística, valendo-se de suas reflexões sobre linguagem, cultura e sociedade para, no âmbito da enunciação, fundamentar uma teoria discursiva. Entra-se, aqui, no campo da simbolização: “como fundamento de tudo encontra-se o simbólico da língua como poder de significação” (BENVENISTE, 2006, p. 25). O homem constrói a realidade e a si mesmo na e pela linguagem, sempre subjetiva. Trata-se da historicidade radical do ato enunciativo, o qual cria as noções de tempo e espaço. O sujeito é, então, um efeito da enunciação, um devir constante dependente dos eventos evanescentes. Essa concepção de linguagem tem implicações diretas sobre a noção de tempo, pois é a enunciação que cria o contexto. Tais observações levam autores como Gérard Dessons e Henri Meschonnic a afirmarem que há na obra de Benveniste uma antropologia da linguagem, a partir da qual é possível se pensar em uma poética do ritmo.

4. CONCLUSÕES

Observar o tempo em uma obra literária, a partir das perspectivas abertas por Walter Benjamin e Émile Benveniste, mostra-se como um campo frutífero para um estudo interdisciplinar. Tomando como pressuposto a indissociabilidade entre linguagem e subjetividade, próprio do campo da enunciação, busca-se a interlocução com os estudos literários, evitando, desse modo, o isolamento das áreas.

Abre-se, assim, um horizonte para a interrogação das áreas de estudo, pois, mais que utilizar o aparato conceitual derivado da reflexão linguística para analisar a obra literária, espera-se observar o quanto a própria obra força os limites teóricos postos em jogo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

_____. **O que resta de Auschwitz?** São Paulo: Boitempo, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge no capitalismo**. Tradução: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Obras escolhidas, Vol. II**. 5a. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo, Brasiliense, 1995.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas Vol 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. São Paulo, Duas Cidades: Editora 34, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Paris: In Press Eds, 2006.

RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Revista Desenredo**, v. 8, n. 1. Passo Fundo: Editora da UPF, 2012, p. 71-83.



TEIXEIRA, Marlene; MESSA, Rosângela. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. **Estudos da Língua(gem)**, v. 13, n. 1. Vitória da Conquista, 2015. p. 97-116.